

PRINCÍPIOS PARA LIDERANÇA ECLESIAÍSTICA APLICADOS À IGREJA

PRINCIPLES TO ECCLESIASTICAL LEADERSHIP APPLIED TO THE CHURCH

Rogério Nakane¹

¹ Graduando em Teologia nas Faculdades Batista do Paraná, Brasil. E-mail para contato: nakane@live.com

RESUMO

Este artigo busca responder de que forma os princípios da liderança eclesial podem contribuir para a promoção de uma igreja saudável, capaz de enfrentar desafios internos e externos. A partir de uma metodologia mista, bibliográfica e quantitativa, o estudo analisa dados de pesquisas sobre a saúde psicológica, pastoral e literatura teológica relevante, com foco nas cartas paulinas, para identificar diretrizes para a formação, cuidado e a manutenção de líderes espiritualmente e emocionalmente saudáveis. Também são explorados neste trabalho fatores que levam à desistência pastoral, como o esgotamento emocional, o despreparo teológico e o narcisismo dos líderes. Os resultados indicam que a centralidade de Cristo, o discipulado intencional e o suporte comunitário são elementos fundamentais para a saúde da liderança. O artigo conclui que investir no preparo integral dos líderes é essencial para o fortalecimento da missão da igreja, e propõe estratégias práticas para prevenção de crises e edificação contínua das comunidades de fé.

Palavras-chave: Ecclesiologia. Liderança Eclesial. Saúde Mental. Igreja.

ABSTRACT

This article seeks to address how principles of ecclesiastical leadership can contribute to promoting a healthy church capable of facing internal and external challenges. Using a mixed methodology, both bibliographic and quantitative, the study analyzes research data on pastoral psychological health and relevant theological literature, focusing on Pauline epistles, to identify guidelines for the formation, care, and maintenance of spiritually and emotionally healthy leaders. The work also explores factors leading to pastoral dropout, such as emotional exhaustion, theological unpreparedness, and narcissism in leaders. The findings indicate that the centrality of Christ, intentional discipleship, and community support are fundamental elements for leadership health. The article concludes that investing in the holistic preparation of leaders is essential for strengthening the church's mission and proposes practical strategies for crisis prevention and continuous edification of faith communities.

Keywords: Ecclesiology. Ecclesiastical Leadership. Mental Health. Church.

INTRODUÇÃO

A liderança eclesial, no contexto da teologia prtica e da eclesiologia, desempenha um papel crucial no desenvolvimento saudvel das comunidades de f. O estudo de modelos de liderana cristã busca no apenas identificar princpios teolgicos que orientam os lderes, mas tambm como esses princpios podem ser aplicados no cotidiano das igrejas. Ao considerar a prtica pastoral, o desafio est em equilibrar as demandas espirituais e administrativas de uma congregao, especialmente diante das presses culturais atuais. A investigao sobre liderana eclesial envolve, portanto, questes de entender o papel, formao de lderes, sustentao da sade emocional e espiritual dos pastores, lidar com as questes dos membros e o discipulado. Como ento os princpios e prticas da liderana podem contribuir na promoo de uma igreja saudvel, capaz de enfrentar desafios internos e externos?

Ao longo deste trabalho, inicialmente ser apresentada a fundamentao teorica, abordando a liderana eclesial no mbito da teologia prtica e da eclesiologia, bem como a centralidade de Cristo nesse modelo de liderana; em seguida, sero explorados os princpios da liderana nos escritos paulinos, com destaque para os textos mais relevantes e as caractersticas recomendadas para os lderes cristos; posteriormente, discute-se os desafios enfrentados no exerccio ministerial, analisando os fatores que contribuem para a desistncia pastoral e propondo estratgias de apoio e prevenao; por fim, sero examinados os riscos e as conseqncias da ausncia de uma liderana teolgica e psicologicamente saudvel para a igreja e a comunidade ao seu redor.

Este artigo tem como objetivo analisar os princpios da liderana eclesial, investigar os principais fatores que contribuem para a desistncia de lderes ministeriais e avaliar os impactos da ausncia

de uma liderança teológica e psicologicamente saudável, propondo estratégias de apoio e prevenção para o fortalecimento da igreja e da comunidade.

1 ESTRUTURA E FUNÇÃO DA LIDERANÇA NA IGREJA

A liderança na igreja, capacitada pelo Espírito Santo, desempenha um papel fundamental na orientação espiritual e na administração das atividades eclesiais. Pastores, presbíteros, bispos e diáconos são chamados a servir a comunidade de fé com sabedoria e amor, ensinando a sã doutrina, governando sob a liderança de Cristo e cuidando dos membros da igreja. Os princípios de serviço e humildade ensinados por Jesus contrastam com os modelos de liderança mundanos, destacando a importância de uma liderança que serve e se sacrifica pelo bem dos outros. Além disso, as cartas paulinas oferecem uma visão criteriosa sobre a escolha e as qualidades necessárias para os líderes da igreja, enfatizando a necessidade de uma liderança plural e colegiada para evitar a centralização do poder e promover a sabedoria coletiva. A compreensão desses aspectos é essencial para garantir que a igreja permaneça fiel à sua missão e continue a glorificar a Deus em todas as suas ações.

1.1 A LIDERANÇA DA IGREJA

Allison (2021, não paginado), refletindo sobre a liderança da igreja escreve que em cada igreja local, um grupo de homens é capacitado pelo Espírito Santo para liderar os membros, sendo reconhecidos publicamente como pastores, presbíteros, bispos ou supervisores. Sua missão inclui ensinar a sã doutrina, governar sob a liderança de Cristo, orar pelas pessoas e pastorear, ou seja, liderar demonstrando uma vida

exemplar. Ao lado desses líderes, estão os diáconos, homens e mulheres também reconhecidos publicamente e capacitados para cuidar e liderar uma variedade de ministérios. É através da graça e provisão de Deus que essas igrejas se mantêm puras e unidas. Além disso, contam com o esforço de pessoas capacitadas pelo Espírito Santo para guiar e ajudar os pecadores a se arrependerem e serem restaurados, preservando a própria reputação e a honra de Cristo.

De forma distante do modelo secular de liderança, Gonzaga e Souza (2024, p. 69-107) demonstram que o padrão de liderança cristã deve ser o mesmo de Cristo, com humildade, serviço e sacrifício. Cristo, em todo o evangelho demonstra com seus atos como a compaixão e o amor são elementos importantes no trato com as pessoas.

1.2 OS PRINCÍPIOS DE CRISTO PARA A LIDERANÇA ECLESIAÍSTICA

No evangelho de Mateus, surge um mal-entendido entre os discípulos de Jesus sobre o significado de governar no reino de Deus. Na ocasião, os irmãos Tiago e João, acompanhados de sua mãe, fazem um pedido a Jesus:

Então a mãe dos filhos de Zebedeu veio a Jesus com seus filhos. Ela se ajoelhou diante dele a fim de lhe pedir um favor. “O que você quer?”, perguntou ele. Ela respondeu: “Por favor, permita que, no seu reino, meus dois filhos se sentem em lugares de honra ao seu lado, um à sua direita e outro à sua esquerda” (Mt 20.20-21, NVT).

Segundo Swindoll (2022, não paginado), havia uma concepção errada entre os doze discípulos sobre o que Jesus se referia como “reino”. Para eles, tratava-se de um reino terreno, liderado pelo Messias e por eles, que tomaria o poder militarmente e derrotaria Roma e libertaria, assim, os judeus. O pedido feito por Tiago e João, enquanto se dirigiam a Jerusalém

— centro do poder político e religioso da Judéia —, refletia o desejo de ocupar posições estratégicas e de prestígio no reino de Jesus.

Em resposta ao pedido, Jesus reúne a todos e revela a diferença entre a liderança deste mundo e a liderança no reino dos céus:

Então Jesus os reuniu e disse: “Vocês sabem que os governantes deste mundo têm poder sobre o povo, e que os oficiais exercem sua autoridade sobre os súditos. Entre vocês, porém, será diferente. Quem quiser ser o líder entre vocês, que seja servo, e quem quiser ser o primeiro entre vocês, que se torne escravo. Pois nem mesmo o Filho do Homem veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos” (Mt 20.25-28, NVT).

Sobre esse ensinamento de Jesus, Swindoll (2022, não paginado) ressalta que os líderes deste mundo se colocam em posições de alta importância, subjugando e dando ordens aos seus subalternos, ou seja, aqueles que estão em uma posição inferior para serem dominados. Entretanto, essa imagem de autoridade em nada reflete a ordem de Deus; o modelo de liderança no seu Reino está em total oposição a essa visão.

Jesus, na visão de Swindoll (2022, não paginado), ensina que um líder não nasce por nepotismo e não deve ter espaço para arrogância, narcisismo, autopromoção ou ambições egoístas. Pelo contrário, Ele afirma que quem deseja ser importante deve, antes de tudo, ser servo. Aqueles que almejam uma posição de destaque devem se colocar como escravos. Essa lição do Mestre para seus discípulos é finalizada com um exemplo: o próprio Jesus, que, apesar de ser Deus, veio para servir e resgatar vidas, entregando a sua própria vida. Esse é o modelo que deve ser seguido como um estatuto interno por cada líder eclesiástico.

1.3 LIDERANÇA DA IGREJA NAS CARTAS PAULINAS

Dever e Leeman (2024, não paginado) argumentam que, embora haja um movimento significativo para ignorar uma liderança baseada na Bíblia, esta ainda permanece vital para uma igreja que glorifica a Deus. Sua missão é revelar a natureza e o caráter de Deus. Apesar de haver uma distinção entre presbíteros e diáconos – o primeiro voltado ao ensino da palavra enquanto o segundo ao cuidado de outras áreas – ambos são lideranças que se destacam pelo serviço à igreja. Este artigo abordará ambos de maneira semelhante.

Nas cartas paulinas, observa-se uma abordagem criteriosa na escolha de líderes da igreja, enfatizando atributos como irrepreensibilidade, temperança, sensatez, respeito, hospitalidade, justiça, piedade, ausência de cobiça, amor pelo bem, capacidade de governar bem a própria casa. É destacado que o líder não deve ser neófito, para que não se ensoberbeça (1 Tm 3:1-13, Tito 1:5-9). Calvino (2018, não paginado), ao se deparar com esses versículos, reflete sobre a escrita de Paulo e menciona que esta profissão não gera bons rendimentos, pois é uma obra e uma obra de grande responsabilidade. O ofício não é qualquer ofício, mas sim uma excelente obra, que, por sua vez, é espinhosa e cheia de dificuldades. Por essa razão, a lista de atributos necessários para tal é tão criteriosa e extensa. O candidato deve ponderar seriamente se realmente suportaria uma tão grande responsabilidade ao corpo de Cristo, ou seja, à igreja.

Além dos atributos necessários para a escolha de líderes, Stott (2018, não paginado) destaca que eles são vitais não apenas para o primeiro século, mas para todas as gerações e locais. Para garantir a saúde da igreja, é essencial erguer ministros fiéis, com qualidades e ensinamentos apropriados, sem ambições egoístas por posição, poder ou prestígio, mas compreendendo que é uma função nobre de cuidar e formar os filhos de Deus. Tornar-se um líder eclesiástico não deve resultar apenas de uma aspiração humana, mas de um chamamento divino, ele complementa:

A seleção de candidatos para o pastorado envolve três aspectos essenciais: o chamado de Deus, a aspiração e convicção interiores dos indivíduos envolvidos e a seleção conscienciosa por parte da igreja no sentido de ver se eles cumprem os requisitos que o apóstolo agora continua a listar (Stott, 2018, não paginado).

Em suas cartas, Paulo demonstra um cuidado pastoral com os líderes das igrejas, não apenas exigindo deles qualidades morais e espirituais, mas encorajando-os a serem exemplos no amor, na fé, na pureza e na perseverança (cf. 1 Tm 4.12-16). O apóstolo sabia que o impacto da liderança se dava tanto pelo ensino quanto pelo exemplo. Por isso, ao instruir Timóteo e Tito, ele reforça que os líderes devem ser modelos do rebanho, fiéis ao evangelho, constantes na oração e comprometidos com a formação de outros discípulos.

Outro ponto importante que Stott (2018, não paginado) levanta é que é necessário levar em conta a respeito de uma estrutura de liderança plural nas igrejas locais, com a presença de presbíteros (anciãos) atuando de forma colegiada (At 14.23; Tt 1.5; Fp 1.1). Esse modelo evita a centralização do poder em uma única pessoa e favorece a prestação de contas, a sabedoria coletiva e o cuidado mútuo entre os líderes. Muitas vezes o trabalho do pastor, além das funções pastorais, acaba englobando a parte administrativa da igreja trazendo uma sobrecarga maior caso não haja essa pluralidade de pessoas.

2 OS DESAFIOS DA LIDERANÇA ECLESIAÍSTICA: FATORES QUE LEVAM À DESISTÊNCIA

As pesquisas citadas a seguir foram realizadas pelo Barna Group, uma organização especializada em estudos sobre fé, cultura e liderança

cristã. Os dados refletem entrevistas com pastores protestantes dos Estados Unidos, de diversas denominações, faixas etárias e tamanhos de congregações.

Embora o contexto seja norte-americano, muitos dos desafios descritos — como estresse, solidão, queda na saúde emocional e dúvidas sobre o chamado — são realidades universais entre líderes cristãos. Os resultados revelam uma crise crescente na saúde mental e no bem-estar de pastores, apontando fatores que contribuem diretamente para a desistência do ministério.

O que se observa é que o chamado pastoral, ainda que sagrado e indispensável, é exercido sob grande pressão, e muitos líderes não encontram apoio suficiente para permanecerem saudáveis e perseverantes. Os dados funcionam, portanto, como um alerta para a igreja contemporânea e um convite à reflexão sobre como cuidar melhor de seus líderes.

2.1 MOTIVOS QUE LEVAM PASTORES A CONSIDERAREM DEIXAR O MINISTÉRIO

Segundo o Barna Group (2022a, não paginado), em sua pesquisa “Pastors Who Have Considered Quitting Full-Time Ministry”, cerca de dois em cada cinco pastores (42%) afirmaram já ter considerado seriamente abandonar o ministério de tempo integral. Entre os principais motivos estão o estresse constante relacionado ao ministério (56%); a solidão e sentimento de isolamento (43%); o impacto negativo sobre a saúde da família (38%); as dúvidas sobre a eficácia e o impacto do ministério (29%); os problemas de saúde emocional (29%); a polarização política e divisões na igreja (25%). Esses dados revelam que muitos líderes espirituais carregam sobre si pressões contínuas, sem encontrar espaços de escuta ou apoio emocional eficaz.

Figura 1: Pesquisa com pastores que consideraram desistir do ministério



Fonte: U.S. Protestant pastors who have considered quitting full-time ministry in the past year (2022).

Diante disso, torna-se evidente que a sobrecarga e as pressões constantes não apenas fragilizam o exercício pastoral, mas também revelam uma carência estrutural de apoio que será ainda mais aprofundada ao analisarmos os sistemas de suporte disponíveis aos líderes eclesiais.

2.2 A FRAGILIDADE DOS SISTEMAS DE APOIO PASTORAL

A pesquisa “Pastor Support Systems” (Barna, 2022b, não paginado) mostra que muitos pastores sentem que não têm sistemas de apoio suficientes para enfrentar os desafios ministeriais. Embora grande parte

deles conte com algum tipo de suporte familiar, apenas uma minoria afirma ter apoio emocional ou espiritual consistente de outros líderes ou de sua comunidade.

Os dados apontam que 31% dos pastores dizem não ter ninguém em quem realmente confiem para falar abertamente sobre suas lutas. Muitos classificam como fraca a qualidade do suporte emocional ou espiritual que recebem de suas igrejas ou denominações. Essa ausência de cuidado revela um problema preocupante: líderes que se dedicam a cuidar das ovelhas, muitas vezes, não são cuidados por ninguém.

Os dados apontam que apenas 8% dos pastores recorrem a um serviço de saúde mental profissional, 13% com conselheiros espirituais, entre outros, isso é um grande alerta sobre um esgotamento pessoal presente na vida ministerial e a necessidade de as organizações suprirem e incentivarem todo o tipo de suporte mental e espiritual para os líderes eclesiásticos.

Figura 2: Frequência de visitas de suporte profissional entre pastores



Fonte: U.S. Protestant senior pastors (2015); U.S. Protestant seniors pastors (2022).

Assim, percebe-se que a ausência de redes de apoio sólidas intensifica o isolamento e agrava os desafios emocionais dos pastores, conduzindo-nos, a seguir, à necessidade de refletir sobre os impactos diretos dessa vulnerabilidade na saúde mental e bem-estar do ministério pastoral.

2.3 SAÚDE EMOCIONAL E PENSAMENTOS SUICIDAS

A realidade emocional dos pastores é ainda mais preocupante. Em uma pesquisa de 2023, intitulada “Pastors and Mental Health: Thoughts on Suicide and Self-Harm”, Barna (2024, não paginado) identificou que pelo menos um em cada cinco pastores já enfrentou momentos em que pensou seriamente em tirar a própria vida. Dentre os dados mais alarmantes: 21% dos pastores entrevistados relataram pensamentos suicidas em algum momento; 63% afirmaram que a saúde emocional é o maior desafio enfrentado no ministério; a maioria reconhece que não foi suficientemente preparada para lidar com a própria saúde mental.

Esses números não apenas chocam, mas exigem uma resposta urgente da liderança da igreja em termos de formação, apoio e cuidado pastoral. Os pastores estão adoecendo em silêncio, e muitos não encontram espaço para buscar ajuda sem medo de julgamento. Além disso, a pesquisa revelou que 39% dos pastores sentem que não têm um sistema de apoio adequado, o que agrava ainda mais a situação. A falta de suporte emocional e psicológico pode levar a um esgotamento severo, afetando não apenas a vida pessoal dos pastores, mas também a eficácia de seu ministério.

A liderança ministerial das igrejas precisa reconhecer a importância de criar um ambiente onde os líderes possam falar abertamente sobre suas lutas emocionais e buscar ajuda sem receio de estigmatização. Programas de apoio, como aconselhamento pastoral e grupos de suporte, são essenciais para promover a saúde mental dos líderes religiosos. Além

disso, é crucial que os seminários e instituições de formação teológica incluam disciplinas que preparem os futuros pastores para lidar com os desafios emocionais e psicológicos do ministério.

Figura 3: Pastores que consideraram se automutilar ou se suicidar



Fonte: U.S. Protestant pastors (2023).

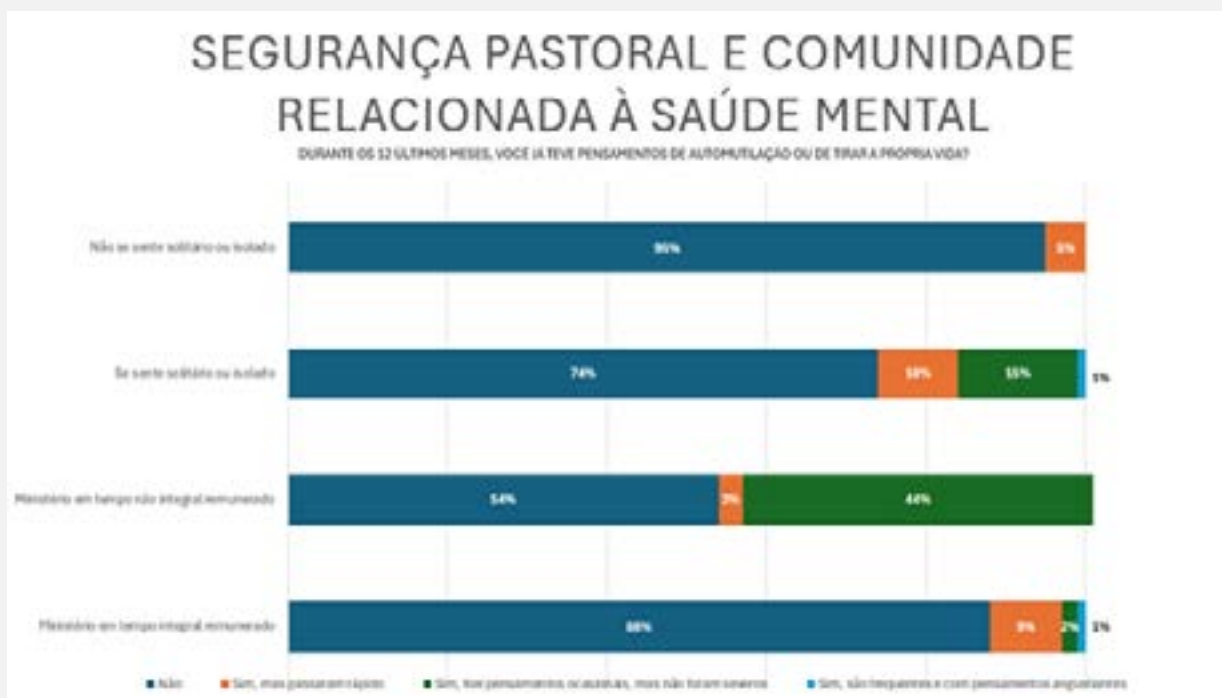
Ainda a respeito da saúde mental, o relatório ainda traz dados sobre a correlação entre segurança, solidão e o risco de pensamentos autodestrutivos. Entre os líderes entrevistados, pastores que exercem o ministério em tempo integral, com remuneração adequada, apresentam menor propensão a relatar pensamentos de automutilação ou suicídio. A estabilidade financeira parece estar ligada a redes de apoio mais estruturadas, o que contribui para o bem-estar emocional e psicológico do líder.

Por outro lado, a solidão desponta como um fator crítico. Entre os pastores que não se sentem solitários, 95% não relataram pensamentos

suicidas. Já entre aqueles que se sentem solitários e isolados, 1 em cada 4 (26%) declarou ter enfrentado tais pensamentos no último ano. Isso revela que a ausência de comunhão e de vínculos sólidos pode contribuir significativamente para estados de desesperança.

Esses dados mostram que, mesmo entre líderes espirituais, treinados e imersos em práticas de fé, há fragilidades humanas profundas que não podem ser ignoradas. Reconhecer essa realidade e investir em ambientes de apoio, solidariedade e pertencimento se torna essencial para a prevenção de crises e para a saúde integral do ministério pastoral.

Figura 4: Segurança pastoral e comunidade relacionada à saúde mental



Fonte: U.S. Protestant pastors (2023).

Esses dados ajudam a entender que o esgotamento emocional, a solidão e a ausência de suporte podem ser fatores que contribuem de maneira significativa para a desistência de líderes cristãos. Não se trata de uma questão secundária, mas de um ponto vital para a saúde da igreja, que depende diretamente da saúde de seus líderes.

Diante disso, é necessário que a liderança ministerial das igrejas invista não apenas na capacitação técnica de seus pastores, mas também em estruturas de cuidado, aconselhamento e mentoria. O ministério pastoral é uma vocação que deve ser sustentada pela graça de Deus, mas também por uma comunidade madura e comprometida com o bem-estar daqueles que lideram o rebanho.

3 OS IMPACTOS DE UMA LIDERANÇA ECLESIAÍSTICA NÃO SAUDÁVEL

Se, por um lado, uma igreja saudável caminha com propósito na missão de Deus — conduzindo um povo a viver o Reino, a amar o Senhor e a apontar o próximo para esse mesmo amor, demonstrado com atitudes de amor e boas obras, guiada pelo Espírito Santo e pela boa organização de sua liderança —, por outro lado, há igrejas que sofrem. As causas podem ser diversas, mas, nesta seção, vamos refletir especificamente sobre os impactos de uma liderança eclesiástica não saudável na comunidade.

3.1 DESPREPARO PASTORAL, UM OBSTÁCULO À MISSÃO DA IGREJA

O ministério pastoral enfrenta desafios que impactam diretamente seu propósito e a saúde da igreja. Entre esses desafios, o despreparo teológico e o manejo inadequado dos recursos financeiros se destacam como dois grandes problemas para o cumprimento da missão da igreja.

Stumme (1981, p. 347-354), refletindo sobre o papel teológico do pastor, um dos requisitos listado por Paulo para o ofício, traz à tona uma tensão real e atual: embora muitos reconheçam a importância da teologia,

nem sempre a consideram possível no dia a dia exigente do ministério pastoral. A sobrecarga de atividades, a falta de tempo, o distanciamento acadêmico e a solidão na atividade do estudo frequentemente desmotivam o pastor a seguir por esse caminho. No entanto, a vocação pastoral é inseparável da responsabilidade teológica, pois o ministério está profundamente ligado à integridade da mensagem cristã. Lopes (2004, não paginado) escreve: “Deus é luz. Sua palavra é luz. Sempre que um líder se afasta de Deus e da sua palavra, a sua luz apaga-se e todos aqueles que o miravam como um alvo, ficam perdidos e confusos”. Em outras palavras, diz a respeito do impacto que a vida espiritual do líder tem sobre toda a igreja. Quando ele perde a direção, aqueles que o seguem também se desorientam, por isso, o compromisso com a Palavra é essencial para quem conduz.

Barth (1963, não paginado) afirma que o trabalho teológico serve para nos confrontar com a pergunta essencial: qual a relação entre a nossa fala humana e a Palavra de Deus? Nesse sentido, não é apenas alguém que ensina ou consola, mas alguém que constantemente busca alinhar sua pregação com aquilo que Deus revelou. A teologia, então, não é algo exclusivo da academia, mas um exercício necessário para a saúde espiritual da igreja e para a fidelidade do ministério.

Para Chapell (2024, não paginado), a centralidade de Cristo nas mensagens é um item obrigatório para qualquer pregação, pois é a partir dela que é enfatizado os meios de redenção que Deus fornece para que a santidade se torne possível, pelo contrário, o líder apenas irá proclamar um mero desenvolvimento pessoal.

É somente por meio do verdadeiro evangelho, quando exposto e crido, que somos salvos. Segundo Keller (2014, não paginada), a partir dessa fé, inicia-se uma transformação progressiva na mente, no coração e na vida do cristão — e esse processo se intensifica à medida que vivemos e nos aprofundamos na Palavra.

Outro requisito essencial para a vida do líder eclesiástico é a ausência de cobiça, especialmente quando o assunto envolve dinheiro e promessas de prosperidade. Essa é uma área sensível, que exige discernimento e integridade, pois quando o dinheiro ocupa um lugar central nas práticas religiosas, corre o risco de distorcer o evangelho e transformar a fé em moeda de troca. Como mostra Gabatz (2012, p. 141–157), o dinheiro deixou de ser visto apenas como recurso e passou a ocupar um lugar simbólico de mediação entre o crente e o sagrado. A fé, nesse contexto, é muitas vezes medida pela capacidade de ofertar, e a bênção esperada é quase sempre de ordem material. Essa prática atinge especialmente os mais vulneráveis, que, diante das dificuldades, veem nas promessas imediatas dessas igrejas uma saída para os seus problemas. O problema, porém, está na troca: dá-se para receber. Isso não apenas esvazia o verdadeiro sentido do evangelho, como também transforma a relação com Deus em uma negociação. O sofrimento é visto como sinal de fracasso espiritual, e o sucesso como sinal de fé. Essa lógica pode ser perigosa, porque coloca o mérito humano no centro e esvazia a graça. A igreja, chamada a ser espaço de cuidado, comunhão e transformação interior, corre o risco de se tornar uma prestadora de serviços religiosos, onde a fé se resume ao que se pode conquistar aqui e agora. A missão da igreja é formar discípulos, não consumidores.

3.2 QUANDO O LÍDER ADOECE, O CORPO SOFRE

Darrell Puls, pesquisador norte-americano, traz uma contribuição significativa sobre os efeitos do narcisismo em líderes cristãos, ao refletir sobre como esse traço de personalidade pode influenciar negativamente a saúde das igrejas. Em seu artigo “Narcissistic Pastors and the Making of Narcissistic Churches”, publicado no *Great Commission Research Journal*, ele argumenta que o narcisismo está crescendo na cultura contemporânea e, inevitavelmente, alcança também a liderança pastoral.

Segundo Puls (2020, p. 67–92), há sinais claros de que se vive em uma cultura cada vez mais autocentrada. Desde a década de 1950, o número de jovens que se consideram “importantes” aumentou drasticamente, e com a popularização das redes sociais, a exposição exagerada da própria imagem — como no fenômeno das selfies — reforça esse comportamento narcisista. O problema se torna mais grave quando esse padrão é reproduzido por líderes espirituais.

Puls (2020, p. 67–92) observa que pastores não estão imunes a traços de personalidade disfuncionais presentes na sociedade. Quando o narcisismo atinge níveis extremos, especialmente sem autopercepção e disposição para mudança, pode gerar líderes tóxicos. Esses líderes possuem traços como arrogância, senso de superioridade, falta de empatia, manipulação, dificuldade de perdoar, necessidade constante de admiração e resistência a críticas. Sua liderança tende a ser centrada no controle, e não no cuidado, na imagem, e não no serviço.

Mesmo que alguns líderes narcisistas pareçam carismáticos e inspiradores à primeira vista (narcisismo grandioso), outros adotam uma postura mais introvertida e sensível, mas ainda assim altamente autocentrada (narcisismo encoberto). Ambos os tipos compartilham uma dificuldade profunda de reconhecer falhas e costumam transferir a culpa para os outros, inclusive suas equipes e membros da igreja. A igreja, nesse ambiente, deixa de ser um corpo saudável e se torna um espaço de desgaste e desconfiança. Muitos desses líderes enxergam a si mesmos como vítimas, incompreendidos e injustiçados, e demonstram hostilidade ou ressentimento diante de qualquer tipo de correção ou confronto. Seu ego, frágil por dentro, resiste a qualquer ideia de que podem estar errados. O resultado é uma igreja adoecida, marcada por tensões, rupturas e falta de direção espiritual. Quando um pastor com esse perfil assume a liderança de uma igreja, é provável que comece, conscientemente ou não, a moldá-la à sua própria imagem. O que começa como um estilo pessoal, logo se torna um padrão que contamina toda a cultura da comunidade (Puls, 2020, p. 67–92).

Esse contágio é descrito por Godkin e Allcorn (2011, p. 61-72), que afirmam que os comportamentos disfuncionais de um líder narcisista se traduzem, com o tempo, em comportamentos e crenças coletivas. Essa influência é sutil, mas profunda. A presença contínua e o contato constante com esse tipo de liderança afeta a maneira como a congregação pensa, sente e age. O pastor, em vez de apontar para Cristo, passa a ser o centro — e isso se manifesta em uma igreja cada vez mais voltada para si mesma.

4 A IMPORTÂNCIA DOS LÍDERES PARA UMA IGREJA SAUDÁVEL

Stott e Chester (2021, não paginado) destacam que a relevância das lideranças eclesiais se evidencia ao analisarmos o papel da igreja no mundo. O Novo Testamento mostra que Deus designou pessoas para conduzir a comunidade, e a saúde da igreja depende diretamente da maneira como essa liderança é exercida. Assim como Jesus se apresenta como o bom pastor, disposto a dar a vida por suas ovelhas, cabe aos líderes da igreja orientar, proteger, aconselhar e alimentar espiritualmente a comunidade, além de mantê-la ativa na missão de evangelizar.

Em Atos (At 2:42), são apresentados princípios fundamentais para a vida da igreja, como o ensino bíblico, a comunhão, o partir do pão e a oração. Conforme destacam Souza e Lima (2018, p. 239), a existência da igreja deve ser sustentada pela doutrina evangélica, pela liturgia e pelo partir do pão, mantendo-se firme na oração e na comunhão. A vivência desses princípios é essencial para que a igreja não se desvie de sua missão. Sem eles, outras atividades podem tomar prioridade, a oração pode ser deixada de lado, o tempo pode ser consumido por entretenimentos em vez do estudo da Palavra de Deus, as necessidades do próximo podem

ser negligenciadas e a comunhão tornar-se enfraquecida. Nesse contexto, cabe aos líderes eclesiais ensinar e garantir que a doutrina bíblica seja transmitida de maneira clara e fiel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A liderança eclesial, conforme revelada nas Escrituras e especialmente nas epístolas paulinas, não existe apenas para o bom funcionamento da igreja, mas para a manutenção espiritual. Essa liderança deve estar firmemente alicerçada na centralidade de Cristo, que é o maior exemplo de servo que conduz com amor, humildade e fidelidade. Toda prática ministerial e decisão pastoral precisa refletir esse foco cristocêntrico, evitando que o líder ou qualquer outra coisa se tornem o centro da comunidade. É um chamado que exige maturidade, integridade, preparo teológico e compromisso com o bem-estar da comunidade. No entanto, como os dados apontados neste artigo demonstram, além da necessidade de um bom preparo para o ofício, muitos líderes têm enfrentado sérios desafios em sua saúde emocional, espiritual e relacional.

A pesquisa apresentada revela que uma grande parcela dos pastores vive sob forte pressão emocional, enfrentando crises de solidão, esgotamento e até pensamentos suicidas. Essa realidade, muitas vezes negligenciada, pede por uma resposta urgente e cheia de empatia por parte da igreja. O cuidado com os líderes não deve ser secundário, mas prioritário, pois a saúde do corpo está profundamente ligada à saúde de sua liderança. Além das questões emocionais, a liderança eclesial enfrenta o desafio constante de equilibrar o discipulado, o cuidado espiritual dos membros, e as demandas administrativas da congregação. A execução dessas múltiplas funções requer preparo, sabedoria e apoio, para que o líder não se sobrecarregue e possa cumprir fielmente sua missão sem perder o foco no crescimento espiritual da igreja.

Além disso, o despreparo teológico, a má gestão de recursos e, sobretudo, a presença de traços narcisistas em alguns líderes contribuem para um cenário preocupante. Quando o ministério se torna um palco para exibição pessoal, e não uma plataforma para o serviço humilde, toda a comunidade sofre. Igrejas lideradas por pastores que se colocam como centro da igreja tendem a perder o foco da missão, tornando ambientes de tensão, manipulação e de uma espiritualidade superficial. O narcisismo pastoral, por exemplo, não afeta apenas o líder, mas molda a cultura da igreja, afastando-a de sua vocação cristocêntrica.

Portanto, é urgente que a liderança da igreja repense sua maneira de formar, sustentar e acompanhar seus líderes. Isso implica investir não apenas em capacitação técnica e teológica, mas também em estruturas de cuidado, mentoria e prestação de contas. O líder saudável é aquele que reconhece sua humanidade, busca apoio, vive em comunidade e mantém sua identidade firmada em Cristo — e não em sua performance ou imagem.

Por fim, é importante ressaltar que o futuro da igreja passa, necessariamente, pela saúde de sua liderança. Quando pastores são cuidados, formados e sustentados com graça, verdade e comunidade, o resultado é uma igreja mais forte, mais fiel ao evangelho e mais preparada para cumprir sua missão no mundo.

REFERÊNCIAS

ALISSON, Gregg. **Eclesiologia: Uma teologia para peregrinos e estrangeiros**. São Paulo, Vida Nova, 2021. E-book. Disponível em <https://app.pilgrim.com.br/tabs/search/ebooks/17722>. Acesso em: 31 jul. 2025.

BARNA, **Pastors Are Quitting Ministry at an Alarming Rate**. Barna, Ventura, CA, USA, 2022a. Disponível em: <https://www.barna.com/research/pastors-quitting-ministry/>. Acesso em: 3 jul. 2025.

BARNA, **The Shaky State of Pastor Support Systems**. Barna, Ventura, CA, USA, 2022b. Disponível em: <https://www.barna.com/research/pastor-support-systems/>. Acesso em: 3 jul. 2025.

BARNA, **Many Pastors Have Considered Suicide or Self-Harm**. Barna, Ventura, CA, USA, 2024. Disponível em: <https://www.barna.com/research/pastors-thoughts-suicide-self-harm/>. Acesso em: 3 jul. 2025.

BARTH, Karl. **Evangelical Theology: An Introduction**. Grand Rapids: Eerdmans, 1963. E-book. Disponível em <https://amz.onl/6l3ZRXs>. Acessado em: 31 jul. 2025.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Nova versão transformadora. São Paulo, Mundo Cristão, 2016.

CALVINO, João. **Comentário Pastorais**: João Calvino. São José dos Campos, Editora Fiel, 2018. E-book. Disponível em: <https://app.pilgrim.com.br/tabs/search/ebooks/29020>. Acesso em: 31 jul. 2025.

CHAPELL, Bryan. **Pregação Cristocêntrica**. São Paulo, Editora Cultura Cristã, 2024. Disponível em: <https://app.pilgrim.com.br/tabs/search/ebooks/34031>. Acesso em: 31 jul. 2025.

DEVER, Mark; LEEMAN, Jonathan. **Fundamentos Batistas**: Uma análise da eclesiologia batista. Rio de Janeiro, Pro Nobis Editora, 2024. E-book. Disponível em: <https://app.pilgrim.com.br/tabs/search/ebooks/34650>. Acesso em: 31 jul. 2025.

FERREIRA, Ebenézer Soares. **Manual do Obreiro e da Igreja**. 7. ed. revista, atualizada e ampliada. Rio de Janeiro, 1993.

GABATZ, Celso. **A importância do dinheiro nas práticas religiosas das denominações neopentecostais**: uma análise a partir da Teologia da Prosperidade. Caderno de Religião, Mackenzie, v. 11, n. 2, p. 141-157, 2012.

GODKIN, Lynn; ALLCORN, Seth. **Organizational dynamics and the contagion of narcissistic behaviors**: A psychodynamic perspective. Canadá, Journal of Business Ethics, v. 101, p. 61-72, 2011.

GONZAGA, Waldecir e SOUZA, Jamil Alves. **Pesquisas em Humanismo Solidário**, Salvador, v. 4, n. 4, p. 69-107. 2024

KELLER, Timothy. **Igreja centrada: fazendo o ministério a partir do evangelho**. São Paulo: Vida Nova, 2014. E-book. Disponível em: <https://app.pilgrim.com.br/tabs/search/ebooks/41069>. Acessado em: 31 jul. 2025.

LOPES, Hernandes Dias. **A importância da pregação expositiva para o crescimento da igreja**. São Paulo, Editora Candeia, 2004. E-book. Disponível em: <https://app.pilgrim.com.br/tabs/search/ebooks/19587>. Acessado em: 31 jul. 2025.

PULS, Darrell. **Narcissistic Pastors and the Making of Narcissistic Churches**. Great Commission Research Journal, v. 12, n. 1, p. 67-92. Gather 4 Him Christian College, Kennewick, Washington, USA, 2020.

SOUZA, Ney; LIMA, Márcio Pureza. **Princípios e práticas fundamentais de uma Igreja cristã saudável**. Porto Alegre, Revista Teológica da PUCRS, v. 48, n. 2, p. 231-240, 2018.

STOTT, John. **Lendo Timóteo e Tito com John Stott**. Viçosa, Editora Ultimato, 2021. E-book. Disponível em: <https://app.pilgrim.com.br/tabs/search/ebooks/21878>. Acessado em: 31 jul. 2025.

STOTT, John; CHESTER, Tim; **A igreja: uma comunidade singular de pessoas**. Viçosa, Editora Ultimato, 2021. Disponível em: <https://app.pilgrim.com.br/tabs/search/ebooks/16242>. Acessado em: 31 jul. 2025.

STUMME, Wayne C. **The Pastor as Theologian**. Word & World, Luther Seminary, St. Paul, MN, p. 347-354, 1981.

SWINDOLL, Charles R. **Comentário Bíblico Swindoll: Mateus**. São Paulo, Editora Hagnos, 2022. E-book. Disponível em: <https://amz.onl/8W9QzEo>. Acesso em: 31 jul. 2025.